



Fundação Educacional do Município de Assis  
Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis  
Campus "José Santilli Sobrinho"

**KALLIL LANDIOSI DIB**

**JORNALISMO LITERÁRIO: A POESIA NOS TEXTOS  
JORNALÍSTICOS**

Assis

2012



Fundação Educacional do Município de Assis  
Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis  
Campus "José Santilli Sobrinho"

**KALLIL LANDIOSI DIB**

## **JORNALISMO LITERÁRIO: A POESIA NOS TEXTOS JORNALÍSTICOS**

Trabalho de Conclusão do Curso de Comunicação Social, com Habilitação em Jornalismo, do Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis – IMESA, como requisito parcial à obtenção da Graduação.

**Orientando:** Kallil Landiosi Dib

**Orientadora:** Dr<sup>a</sup>. Márcia Valéria S. Carbone

Assis

2012

## FICHA CATALOGRÁFICA

Dib, Kallil

Jornalismo Literário: a poesia nos textos jornalísticos /  
Kallil Landiosi Dib. Fundação Educacional do Município  
de Assis – FEMA - Assis, 2012.

46p.

Orientadora: Márcia Valéria S. Carbone.

Trabalho de Conclusão de Curso – Instituto  
Municipal de Ensino Superior de Assis – IMESA.

1. Jornalismo. 2. Literatura

CDD:070  
Biblioteca da FEMA

# JORNALISMO LITERÁRIO: A POESIA NOS TEXTOS JORNALÍSTICOS

KALLIL LANDIOSI DIB

Trabalho de Conclusão de Curso  
Apresentado ao Instituto Municipal  
de Ensino Superior de Assis, como  
requisito do Curso de Graduação,  
analisado pela seguinte comissão  
examinadora:

Orientadora: Márcia Valéria Seródio Carbone

Analisadora (1): Eliane Aparecida Galvão

ASSIS

2012

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha família, que a cada sorriso e palavra de incentivo, me fez acreditar que os meus sonhos fossem se realizar. E aos companheiros jornalistas, que estiveram comigo em todos os momentos de indecisões e expectativas durante a graduação.

## AGRADECIMENTOS

À professora Márcia Valéria Seródio Carbone, pela orientação e pelo constante estímulo transmitido durante o trabalho.

Agradeço à minha banca examinadora e professora, Eliane Aparecida Galvão, pelo conhecimento passado durante o curso e dicas valiosas para a conclusão da monografia.

Aos amigos jornalistas: Patrícia Dias, Marcos Smania, Renato Piovan, Nestário Luiz, Diego Faustino, Bruce Monteiro e Ítalo Luiz, pelo acolhimento durante o período de estudos e competência compartilhada, e a todos que colaboraram direta ou indiretamente na execução deste trabalho.

Aos familiares: pais, irmã, tios, primos e avós, por sempre me estimularem a nunca desistir, e a cada sincero sorriso fazer eu me orgulhar por ter escolhido a profissão da minha vida.

A persistência é o menor caminho do êxito.

Charles Chaplin

## RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem por objetivo apresentar o jornalismo literário, como ele é empregado nos dias atuais, assim como em anos e séculos passados. O que é o jornalismo literário, quais são suas vertentes e perspectivas? Como a poesia está presente no jornalismo, assim como ela pode ser criada em textos jornalísticos. Apresentamos, então, a realidade do jornalismo literário, desde sua pré-existência, no século XIX, até a sua reconstrução na década de 1960. Como a literatura foi importante nos jornais e revistas da época. Quais foram os principais autores e obras publicadas. Demonstramos também como o jornalismo literário rompe as correntes do *lead* e se transforma numa importante saída do comodismo e matérias sem conteúdo. Entramos nos méritos do autor Felipe Pena, que, em sete imprescindíveis tópicos, descreve o jornalismo literário. As crônicas também fazem parte desse universo literário. Começando com renomados autores e poetas brasileiros, que em suas épocas, disseminavam a cultura literária, com textos críticos, descritivos e poéticos aos leitores. Observamos e analisamos três crônicas de Moacyr Scliar, publicadas no Jornal Folha de São Paulo, e detectamos características literárias modernas. São textos poéticos, com uma dose de sarcasmo e crítica, mas com literariedade. Vamos analisar a crônica em geral, como ela é empregada e trabalhada atualmente, para isso, vamos analisar uma das obras primas da crônica moderna, do autor Rubem Braga, o texto “O meu ideal seria escrever...”.

**Palavras-chave:** literatura, poesia, jornalismo literário, crônica.



## ABSTRACT

This course conclusion work aims to present the literary journalism, as it is used today, as well as years and centuries past. What is literary journalism, what are its dimensions and perspectives? As poetry is present in journalism, as it can be created in journalistic texts. We present, then, the reality of literary journalism, from its pre-existence in the nineteenth century, until its reconstruction in the 1960s. As the literature was important in newspapers and magazines. What were the main authors and published works. We demonstrate also how the literary journalism breaks the chains of lead and becomes an important output of indulgence and materials without content. We enter upon the merits of the author Felipe Pena, who in seven essential topics describes the literary journalism. The chronicles also part of this literary universe. Starting with renowned authors and poets Brazilians, in their times, disseminated literary culture, with critical texts, readers descriptives and poetical. We observe and we analyze three chronics Moacyr Scliar, published in the newspaper Folha de São Paulo, we detected features of modern literature. The texts are poetics, with a dosage of sarcasm and criticism, but with literariness. Let's analyze at the chronicle in general, as she is currently maid and crafted today, for that, let's analyze at one of the masterpieces of modern chronicle, the author Rubem Braga, the text "My ideal would be to write...".

**Keywords:** literature, poetry, literary journalism, chronic.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
<b>1. JORNALISMO, LITERATURA E POESIA</b> .....	<b>12</b>
1.1 JORNALISMO: A ORIGEM E A POESIA .....	14
1.2 JORNALISMO LITERÁRIO: A POESIA NOS TEXTOS JORNALÍSTICOS.....	17
1.3 O JORNALISMO LITERÁRIO, A ESTRELA DE SETE PONTAS.....	18
<b>2. CRÔNICAS LITERÁRIAS</b> .....	<b>21</b>
2.1 CRÔNICAS DE MACHADO DE ASSIS E JOSÉ DE ALENCAR .....	22
2.2 CRÔNICAS DE JOSÉ DE ALENCAR .....	23
2.3 MOACYR SCLiar .....	24
2.4 CRÔNICAS LITERÁRIAS DE MOACYR SCLiar .....	25
<b>3. A DEFINIÇÃO DA CRÔNICA</b> .....	<b>31</b>
3.1 MEU IDEAL SERIA ESCREVER .....	33
<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>37</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>39</b>
<b>ANEXO</b> .....	<b>40</b>

## INTRODUÇÃO

O objetivo central deste trabalho é mostrar que o jornalismo literário é uma vertente que deve ser explorada pelos profissionais da comunicação e espectadores. Além da informação, esse gênero permite um entendimento sobre os gestos, cenas e características físicas do personagem, fazendo com que o receptor vivencie e humanize a reportagem em questão.

Atualmente, há uma concentração ideológica no mercado comunicacional, de que a notícia tem que ser breve em um menor espaço possível, assim, o jornalismo literário, que tem caráter de produzir conteúdos mais aprofundados e poéticos, perde o seu espaço na mídia convencional.

Porém, autores ainda defendem a literatura e o jornalismo. Como Felipe Pena, que consegue descrever o jornalismo literário em imprescindíveis itens, e exalta maneiras para fugir do comodismo do mercado convencional.

A palavra é, talvez, a principal arma que o profissional da comunicação possui para atingir o seu público. No jornalismo literário, essa arma se multiplica, pois as citações e frases lançadas ao espectador têm o objetivo de colocá-lo dentro da cena para ele ver o personagem e sentir o ambiente retratado, antes da informação. Nesse sentido, o leitor/espectador do texto é considerado como um receptor que pode, ao interpretar o que se expõe, atuar de maneira ativa para a construção do sentido desse mesmo texto jornalístico-literário.

Neste trabalho de conclusão de curso, serão expostas publicações literárias, além de nos aprofundarmos no universo das crônicas, analisando importantes autores brasileiros, como José de Alencar, Machado de Assis e Moacyr Scliar.

---

# 1. Jornalismo, literatura e poesia

---

“Não há poesia sem um complexo de imagens e  
um sentimento que o anima.”

Benedetto Croce - Historiador e filósofo italiano

## 1. JORNALISMO, LITERATURA E POESIA.

O texto jornalístico atual e rotineiro é uma concentração de informações e ideias levadas ao consumidor com uma proposta de identificar personagens, fatos e teorias relevantes ao consumo.

Portanto, o conceito de absolutismo empregado nos textos jornalísticos, escritos e falados, se evidencia cada dia mais, de maneira camuflada ao espectador, ou seja, os meios de comunicação não dão espaço para questionamentos e outras ideias de seus espectadores, doutrinando a sociedade através da notícia. As frases curtas e citações abreviadas são as principais características encontradas nas matérias jornalísticas atuais, assim, não localizamos variedades de textos jornalísticos, como era comum em outras épocas, e ficamos presos ao *lead* e ao jornalismo factual, o jornalismo baseado em fatos, com conteúdos rápidos e explicativos.

Para atingir o público, as empresas e profissionais da comunicação se buscam adequação ao mercado e ao anseio da sociedade em receber a informação rapidamente. Com isso, os diversos gêneros jornalísticos são esquecidos, principalmente o jornalismo literário, que tem caráter de produzir reportagens mais profundas e detalhistas, fazendo com que o receptor dedique mais tempo e atenção ao conteúdo transmitido.

Na sociedade atual, a leitura não faz parte do cotidiano, com o avanço da internet, por exemplo, a notícia que é transmitida rapidamente, assim como em tabloides, ganha mais espaço, pois quanto menor o texto, mais leitores vão ter acesso.

O universo da comunicação está no epicentro dos fenômenos sociais, econômicos e tecnológicos que sacodem a humanidade nessa transição de milênios. A mídia é o canal que veicula e transporta a ideologia da nova era, o neoliberalismo, mas também é alvo desse processo de transformações.

O jornalismo, em particular, é a linguagem que codifica e universaliza a cultura hegemônica e legitima a lógica do mercado. Os jornais, telejornais, radiojornais, e net-jornais pulverizam os signos e ícones da nova era, desenvolvendo um novo estágio no processo de colonização cultural mundial, principalmente em relação as nações periféricas.

O mercado tornou-se referencia e paradigma, liberalizando os dogmas que sustentavam os mitos e ritos. Na verdade, o

neoliberalismo transformou o mercado em uma espécie de “totem social”, para onde convergem os anseios e as expectativas da sociedade. (MARSHALL, 2003: p. 23)

O Jornalismo literário rompe as correntes do *lead*, uma técnica criada no século XX, com o intuito de dar mais objetividade à imprensa, assim, o primeiro parágrafo de uma matéria jornalística deveria, necessariamente, conter as respostas de seis fundamentais perguntas: Quem? O quê? Como? Onde? Quando? Por quê?

Se por um lado, com essa técnica, o jornalismo ficou mais ágil e compreensível, por outro, perdeu a sua essência de produção, e a prática literária perdeu o seu espaço. As matérias ficaram menos criativas, e mais objetivas, porém perderam-se o gosto de se aprofundar em personagens e das técnicas romancistas de se transmitir a notícia.

O jornalismo literário é uma alternativa para se sair do mundo de espetáculo e futilidades que o mercado da comunicação vive. Revistas, tabloides, conteúdos televisivos e outros meios de comunicação, expõem métodos para atrair a audiência e conseguir patrocinadores rentáveis, e acabam massacrando a opinião pública, doutrinando os espectadores, rebaixando o jornalismo responsável.

## 1.1 JORNALISMO: A ORIGEM E A POESIA

Há um grande contrassenso sobre a origem do jornalismo. Para muitos ele tem suas primeiras características na pré-história, com a comunicação oral e de sinais, porém para alguns pesquisadores o jornalismo tem o seu começo já com características modernas, no século XVIII e XIX, quando começam os jornais periódicos, com conteúdos atualizados, publicidade e escritores comprometidos em transmitir a notícia.

O jornalismo consiste em uma das atividades mais antigas, ainda na pré-história, quando os homens vigiavam seus habitats, descobriam alguns utensílios que poderiam ser úteis, ou reuniam o seu clã para se comunicarem sobre seus inimigos e guerras que poderiam enfrentar. Ou seja, isso já poderia ser chamado de

informação, orientação e entretenimento entre os tais habitantes, os componentes básicos do jornalismo.

Para mim, a natureza do jornalismo está no medo. O medo do desconhecido, que leva o homem a querer exatamente o contrário, ou seja, conhecer. E assim, ele acredita que pode administrar sua vida de forma mais estável e coerente, sentindo-se um pouco mais seguro para enfrentar o cotidiano aterrorizante de seu meio ambiente. Mas, para isso, é preciso transpor limites, superar barreiras, ousar. Entretanto, não basta produzir cientistas e filósofos, ou incentivar navegadores, astronautas e outros viajantes a desbravar o desconhecido. Também é preciso que eles façam relatos e reportem suas informações a outros membros da comunidade que buscam a segurança e a estabilidade do “conhecimento”. A isso, sob certas circunstâncias éticas e estéticas, posso chamar jornalismo. (PENA, 2008: p. 25)

Como exemplifica Felipe Pena, no livro *Jornalismo Literário*, nada seria tão real e possível se não fossem os emissores de notícias, ou seja, pessoas engajadas em escrever e transmitir os fatos, relatando-os para a sociedade.

Assim, podemos definir o jornalismo como uma conseqüente batalha por espectadores. Atualmente, a transmissão rápida da notícia e a tentativa de ser o primeiro veículo a publicar tal matéria, acabam rotulando o jornalismo como um processo comunicativo não confiável, devido à pouca apuração dos fatos. Com isso, o jornalismo sério e responsável, aquele com maior produção e tempo para a veiculação de notícias acaba se extinguindo.

O jornalismo, independente de qualquer definição acadêmica, é uma fascinante batalha pela conquista das mentes e corações de seus alvos – leitores, telespectadores ou ouvintes. Uma batalha geralmente sutil e que usa uma arma de aparência extremamente inofensiva – a palavra, acrescida, no caso da televisão, de imagens. (ROSSI, 1994: p.8)

E como exemplifica Clóvis Rossi, essa ‘batalha’ doutrina os espectadores, que não têm informações sobre outras alternativas de comunicação, como o jornalismo literário, por exemplo. Com o avanço das tecnologias isso se evidencia e faz com que o mercado da informação caia em desrespeito. As notícias são rápidas e muitas vezes mal elaboradas, tanto por fontes quanto por profissionais.

O público não tem acesso a reportagens de caráter mais aprofundado, que transmite a notícia com mais tempo e produção, como acontece no jornalismo literário.

Na crônica, publicada nos jornais Jornal de Assis e Jornal Voz da Terra, no dia 25 de maio, de autoria deste pesquisador, exemplifica-se a falta que faz a poesia no cotidiano das pessoas: o porquê de acabarem os romances e se esquecerem dos poetas:

### **Faltam poesias e amor, o resto é delírio**

Está faltando poesia. Morreram os romancistas, e nem sequer deixaram descendentes.

Os loucos silenciaram como Bandeira. E o mundo se desfez, com Pasárgada. Quintana não mais amou. Mário de Andrade se calou. E Clarice, ah Clarice.

A prosa linda se foi junto com Vinícius, as frases de carinho, típicas de Cecília, se perderam. E de Meireles, que saudades.

Está faltando paixão. Aquela que Oswald delineava. A paixão que se aclamava, na semana de 22.

Falta a magia, a fala poética, a nudez atrevida. O olhar de veraneio, a casa vazia, a chuva caída.

Que saudades de Drummond, e suas rimas de amor: “Amor é primo da morte, e da morte vencedor, por mais que o matem (e matam), a cada instante de amor”.

Acabou-se. Morreram os bardos, e com eles o mundo. E de Neruda, o mundo não tem mais nada.

Fernando Pessoa: “Porque quem ama nunca sabe o que ama. Nem sabe por que ama, nem o que é amar” Se foi o amor, e também a sua prosa.

Os amantes e cantores se perderam nas lembranças. Chico, Caetano, Caymmi...

Está faltando poesia. Morreram os romancistas, e nem sequer deixaram descendentes, se foram os sãos e ficaram os delirantes.

E de pensar que Fernando era o romântico, que se palpava, e aclamava o amor. E pensar que ele se foi e deixou no tempo as dicas de uma vida, palavras, coração, e amor:

“Se perder um amor... não se perca!

Se o achar... segure-o!

Circunda-te de rosas, ama, bebe e cala.

O mais... é nada.”

Está faltando poesia, e mais nada.



## 1.2. JORNALISMO LITERÁRIO: A POESIA NOS TEXTOS JORNALÍSTICOS

O jornalismo literário é uma das maneiras mais viáveis para o profissional da comunicação fugir do comodismo, ou seja, sair do mercado de plena publicidade e informações rápidas, curtas e sem conteúdos confiáveis. Ele faz com que as reportagens sejam produzidas mais calmamente, originando técnicas romancistas, como exemplificar olhares, gestos e momentos de um entrevistado, fazendo o leitor vivenciar o fato.

Para o jornalista literário, o texto deve ser amplo e com conteúdo, aquele que prende o leitor, não apenas em um livro reportagem, mas rompendo as barreiras do lead em uma matéria jornalística.

O jornalista literário não ignora o que aprendeu no jornalismo diário. Nem joga suas técnicas narrativas no lixo. O que ele faz é desenvolvê-las de tal maneira que acaba constituindo novas estratégias profissionais. Mas os velhos e bons princípios da redação continuam extremamente importantes, como, por exemplo, a apuração rigorosa, a observação atenta, a abordagem ética e a capacidade de se expressar claramente, entre outras coisas. (PENA, 2008: p. 25)

A poesia nos textos jornalísticos é uma maneira de entreter o público, seja em matérias produzidas ou com um conteúdo sintético e analítico, deixa o texto romântico e de fácil compreensão. Poetas e grandes escritores como Carlos Drummond de Andrade, Gabriel Garcia Marques, Mario Quintana e Machado de Assis, têm em suas mais importantes obras a poesia.

Como disse Mario Quintana, em um dia qualquer, "Se alguém te perguntar o que quiseste dizer com um poema, pergunta-lhe o que Deus quis dizer com este mundo." Tanto na literatura como no jornalismo a poesia se refaz, se distingue de outras técnicas e transforma o texto em um ambiente para o leitor, mais do que qualquer outra matéria de um jornal.

### 1.3 O JORNALISMO LITERÁRIO, A ESTRELA DE SETE PONTAS

O jornalismo literário se evidenciou no Brasil na década de 60, com alguns autores e publicações que tinham como caráter produzir reportagens mais elaboradas, com técnicas que faziam o leitor entrar na história relatada. Os olhares e gestos do entrevistado eram narrados de maneira simples com uma linguagem diferenciada, prendendo a atenção do público. Os conteúdos eram produzidos como ensaios, reflexões e com um estilo jamais visto no país.

O jornalismo literário aperfeiçoou-se. Adquiriu, digamos, maior autoconsciência. Não podia ser diferente. Mais que uma técnica narrativa, o JL é também um processo criativo e uma atitude nos quais não cabem fórmulas, esquemas ou grupismos. São esses fatores que o projetam, hoje, como alternativa para arejar os conteúdos de jornais e revistas, principalmente, mas também de documentários audiovisuais, radiofônicos e até sites. (VILLAS BOAS, 2001: p. 42)

Não podemos classificar o jornalismo literário apenas como uma maneira de fugir das técnicas jornalísticas, produzirem livros reportagem ou entreter o público com uma linguagem diferenciada.

O jornalista literário consegue ultrapassar limites, transpor barreiras, proporcionar amplas visões sobre assuntos do cotidiano, garantindo a profundidade da notícia, fazendo com que o jornal sirva para algo a mais na vida do leitor.

O jornalista rompe com duas características básicas do jornalismo contemporâneo: a periodicidade e a atualidade. Ele não está mais enjaulado pelo deadline, a famosa hora de fechamento do jornal ou da revista, quando inevitavelmente deve entregar a sua reportagem. E nem se preocupa com a novidade, ou seja, com o desejo do leitor em consumir os fatos que aconteceram no espaço de tempo mais imediato possível. Seu dever é ultrapassar estes limites e proporcionar uma visão ampla da realidade (PENA, 2008)

Porém, não se deve entender como ampla visão um vasto conhecimento do mundo, ou seja, qualquer abordagem de qualquer assunto vai ser uma interpretação e nunca passará de um recorte. O jornalismo literário, portanto, interpreta e contextualiza a informação da maneira mais abrangente, o que é impossível no curto espaço de um jornal.

Felipe Pena, fala em jornalismo literário como uma estrela de sete pontas, algo que deve ser exercido pelos profissionais especialistas nesse conceito, sete imprescindíveis itens para exercer o jornalismo literário.

A primeira ponta da estrela consiste em potencializar os recursos do jornalismo, ou seja, usar o que se aprende na formação como uma base para exercer o jornalismo literário. A segunda ponta da estrela, segundo Pena, é não se prender às periodicidades e atualidades, ou seja, não se prender pelo deadline da empresa e produzir conteúdos mais elaborados.

A terceira sugestão do autor é ultrapassar os limites do acontecimento do cotidiano, portanto, produzir algo a mais do que simplesmente noticiar um fato, proporcionando uma ampla visão de realidade.

Não necessariamente nessa ordem, a quarta característica apontada por Pena, é exercitar a cidadania, portanto pensar no público antes de produzir o conteúdo, para que vai servir o texto, senão “embrulhar o peixe na feira”.

A quinta ponta da estrela se refere ao *lead*, o jornalista literário rompe essa barreira, não seguindo essa estratégia de no primeiro parágrafo da matéria responder as seis perguntas básicas: Quem? O quê? Como? Onde? Quando? Por quê? E sim durante o conteúdo, calmamente, com clareza e poeticamente.

A sexta ponta da estrela evita os definidores primários, as fontes oficiais, entrevistados que sempre estão na mídia, como políticos, médicos, advogados, etc. Como no jornalismo diário o tempo é escasso, o repórter comum procura as fontes legitimadas para dar mais agilidade. O jornalista literário segue em outro caminho, entrevistando pessoas comuns, e fontes anônimas, abordando assuntos que nunca foram colocados em pauta.

Finalmente chegamos à última ponta da estrela de Felipe Pena, que consiste na perenidade, portanto, diferente do jornalismo de cotidiano, a reportagem deve ficar no imaginário da pessoa, como um bom livro, que permanece por gerações, influenciando a história do indivíduo.

Porém, o motivo principal para se escrever e abranger o Jornalismo Literário varia de autor para autor. Cada um tem o seu motivo para escrever, e isso é o principal motivo para o indivíduo exercer o seu papel de comunicador.

Escrevo porque não sei fazer música. Se soubesse ler partituras e articular notas harmônicas, não me arriscaria nessas linhas tortas e analfabetas. A música é uma forma de comunicação muito mais eficaz e perene. Qualquer canção permanece por mais tempo no imaginário do que o melhor dos textos literários. Mas é preciso ter ouvido sensível e alma dançante. Como não fui capaz de desenvolver tais habilidades, fiz a faculdade de Jornalismo. Na verdade, queria ser escritor, mas logo descobri que seria emparedado pelas regras de objetividade da imprensa diária. Mas não se iluda, caro leitor. Dizem que o bom texto segue padrões musicais. Tem ritmo, harmonia e sonoridade. Se você possui essas três qualidades, largue logo este livro e corra para o piano. Não perca tempo com a Literatura. Muito menos com o Jornalismo. Preocupe-se apenas com a melodia. (PENA, 2008: p. 10)

---

## 2. Crônicas literárias

---

A história é escrita pelo poder, a partir do poder, a serviço do poder. Romances servem para questioná-la.

Tomás Eloy Martínez - Escritor argentino

A crônica foge ao comodismo de uma matéria e da reportagem informativa; não tem a obrigatoriedade de informar, mas sim de produzir um conteúdo analítico do assunto, refletindo poeticamente sobre o acontecido.

O cronista apresenta um discurso que se distingue entre reportagem e literatura, é um poeta do cotidiano, onde a subjetividade percorre todo o processo textual.

Como exemplo de textos literários, a crônica não passa despercebida pelo leitor, ela não cai em esquecimento tão rapidamente quanto uma notícia. É um típico texto literário, vez que não tem a obrigação de informar e sim entreter e não ser apenas um texto informativo.

Podemos citar alguns exemplos clássicos da crônica literária, como Machado de Assis e José de Alencar, que foram grandes responsáveis pela criação do jornalismo literário. Ambos fizeram de suas obras grandes inspirações por décadas, influenciando autores e romances.

## 2.1.CRÔNICAS DE MACHADO DE ASSIS E JOSÉ DE ALENCAR

O nascimento da crônica

“Há um meio certo de começar a crônica por uma trivialidade. É dizer: Que calor! Que desenfreado calor! Diz-se isto, agitando as pontas do lenço, bufando como um touro, ou simplesmente sacudindo a sobrecasaca. Resvala-se do calor aos fenômenos atmosféricos, fazem-se algumas conjeturas acerca do sol e da lua, outras sobre a febre amarela, manda-se um suspiro a Petrópolis, e la glace est rompue está começada a crônica. (...) (MACHADO DE ASSIS, 1994, p.13)

Joaquim Maria Machado de Assis foi um dos mais importantes romancistas brasileiros, contribuindo diretamente para a disseminação do Jornalismo Literário. Machado de Assis se consolidou como o mais importante autor literário do século XIX. Suas obras foram tão importantes para a literatura brasileira que perduraram por gerações e influenciaram diversos romancistas, além da criação de gêneros literários.

Duas revistas e um jornal são, sem comparação, os mais importantes meios utilizados por Machado de Assis para a publicação de seus contos: o *Jornal das Famílias*, no qual Machado publicou 70 contos, entre 1864 e 1878; *A Estação*, na

qual publicou 37 contos, entre 1879 e 1898; e a Gazeta de Notícias, onde publicou 56, entre 1881 e 1897.

“Meu amigo, — Abandonado no caminho da vida com o coração vazio das louras crenças que nos povoam a alma, quando o céu é para nós todo de um azul sem nuvens e o horizonte dessa cor de rosa de que vestimos todas as aspirações do espírito, apraz-me às vezes em trazer à memória os dias do meu passado, desse passado que vi cair na imensidão do nada, como essas centelhas de luz que morrem na escuridão das trevas.

“É triste este viver assim, quando ainda em meia vida, o espírito cansado se volve ao passado procurando embeber-se dele, porque o futuro está morto, ou pelo menos despido de todas as ilusões da juventude!”

Em um desses momentos atirei sobre o papel estas linhas que te envio . . .

Ei-las

Amei na aurora da vida,  
E morro da vida em flor,  
É sempre assim a existência:  
Ao riso sucede a dor.  
Desfolhei rosas sem conta,  
Perfumes mil respirei;  
E nessa luta de afetos  
Nem um sincero encontrei  
Minha alma descreu de tudo,  
Dos sonhos de que viveu,  
Centelha de luz perdida,  
Suspiro que além morreu!  
(MACHADO DE ASSIS, 5 de maio de 1862)

## 2.2. CRÔNICAS DE JOSÉ DE ALENCAR

"Ali, por entre a folhagem, distinguiam-se as ondulações felinas de um dorso negro, brilhante, marchetado de pardo; às vezes viam-se brilhar na sombra dois raios vítreos e pálidos, que semelhavam os reflexos de alguma cristalização de rocha, ferida pela luz do sol. Era uma onça enorme; de garras apoiadas sobre um grosso ramo de árvore, e pós suspensos no galho superior, encolhia o corpo, preparando o salto gigantesco." (ALENCAR, *O guarani*, 1857)

José de Alencar se evidenciava por seu estilo descritivo e audacioso. Nesse trecho de um dos seus principais romances, publicado em forma de folhetim, no

Diário do Rio de Janeiro, em 1857, podemos exemplificar a literatura empregada em seus textos.

O autor foi um dos maiores precursores da literatura brasileira, em seus textos se via um enorme patriotismo, e regionalismo, ou seja, criava um gênero literário, tendo em suas obras personagens tipicamente brasileiros, seja quando descreve a sociedade burguesa do Rio de Janeiro, seja quando se volta para os temas ligados ao índio ou ao sertanejo.

Se a mitologia dos povos antigos tivesse dado formas de mulher, de fada ou ninfa, às semanas, como fêz com as horas, não me veria às vezes em tão sérios embaraços para escrever esta revista.

Em lugar de estar a cogitar idéias, a parafusar novidades, e a lembrar-me de fatos e coisas passadas, pediria emprestado a algum dos tipos da grande galeria feminina as feições e os traços para desenhar o meu original.

Assim, quando me viesse uma semana alegre e risonha, mas muito inconstante, com uns dias cheios de nuvens, e outros límpidos e brilhantes, iluminados pelos raios esplêndidos do sol, uma semana elegante de teatros e de bailes, imaginaria alguma fada de formas graciosas, de olhos grandes, com uma certa altivez misturada de uma dose sofrível de loureirismo (...)

(ALENCAR, *Jornal Correio Mercantil*, em 19 de novembro de 1854.)

### 2.3. MOACYR SCLIAR

Gaúcho, nascido em Porto Alegre, Moacyr Scliar, foi um dos principais cronistas do país. Com sua prosa um tanto inovadora, o autor escrevia semanalmente para o *Jornal Folha de São Paulo*. Onde retratava, em sua coluna, o cotidiano de uma maneira diferente, ou seja, Scliar começava sua crônica com uma notícia verídica e com base nesse acontecido escrevia um texto bem humorado, crítico, irônico e com uma linguagem típica literária.

Foi assim que se consolidou como um dos mais respeitáveis escritores do país.

Moacyr Scliar teve alguns de seus textos adaptados para o cinema, teatro e televisão, escreveu mais de setenta livros e recebeu grandes prêmios da literatura brasileira, como o Jabuti (1988, 1993 e 2009), o Associação Paulista de Críticos de



Arte (APCA) (1989) e o Casa de las Américas (1989). Moacyr Scliar morreu no dia 27 de fevereiro de 2011, aos 73 anos, e deixou um importante legado para a literatura brasileira.

Neste capítulo vamos analisar e discorrer sobre três principais crônicas do autor, publicadas no Jornal Folha de São Paulo: “De volta ao primeiro beijo” (25 de maio de 2007); “Desistindo de Natal” (9 de dezembro de 2005) e, a sua última crônica publicada, “A mulher sem medo” (17 de janeiro de 2011).

## 2.4. CRÔNICAS LITERÁRIAS DE MOACYR SCLIAR

### **De volta ao primeiro beijo**

*"O primeiro beijo é uma coisa muito falada. Sem dúvida é uma experiência muito marcante, inesquecível. O primeiro beijo é uma maturação, uma descoberta. Ao mesmo tempo, para alguns, ele pode ser um monstro assustador", diz o cineasta Esmir Filho, diretor de "Saliva". O filme conta como Marina, uma garota de 12 anos, é pressionada a dar o seu primeiro beijo no experiente Gustavo.*

TINHA ACABADO de ler a matéria sobre o primeiro beijo, no pequeno apartamento em que morava desde que ficara viúvo, anos antes, quando (coincidência impressionante, concluiria depois) o telefone tocou. Era uma mulher, de voz fraca e rouca, que ele de início não identificou: - Aqui fala a Marília -disse a voz. Deus, a Marília! A sua primeira namorada, a garota que ele beijara (o primeiro beijo de sua vida) décadas antes! De imediato recordou a garota simpática, sorridente, com quem passeava de mãos dadas. Nunca mais a vira, ainda que freqüentemente a recordasse -e agora, ela lhe ligava. Como que adivinhando o pensamento dele, ela explicou: - Estou no hospital, Sérgio. Com uma doença grave... E queria ver você. Pode ser? - Claro -apressou-se ele a dizer- eu vou aí agora mesmo. Anotou rapidamente o endereço, vestiu o casaco, saiu, tomou um táxi. No caminho foi evocando aquele namoro, que infelizmente não durara muito tempo - o pai dela, militar, havia sido transferido para o Norte, com o que perdido o contato - mas que o marcara profundamente. Nunca a esquecera, ainda que depois tivesse beijado várias outras moças, uma das quais se tornara a sua companheira de toda a vida, mãe de seus três filhos, avó de seus cinco netos. E não a esquecera por causa daquele primeiro beijo, tão desajeitado quanto ardente.

Chegando ao hospital foi direto ao quarto. Bateu; uma moça abriu-lhe a porta, e era igual à Marília: sua filha. Ele entrou e ali estava ela, sua primeira namorada. Quase não a reconheceu. Envelhecida, devastada pela doença, ela mal lembrava a garota sorridente que ele conhecera. Consternado, aproximou-se, sentou-se junto ao leito. A filha disse que os deixaria a sós: precisava falar com o médico.

Olharam-se, Sérgio e Marília, ele com lágrimas correndo pelo rosto. - Você sabe por que chamei você aqui? -perguntou ela, com esforço. - Porque nunca esqueci você, Sérgio. E nunca esqueci o nosso primeiro beijo, lembra? Na porta da minha casa, depois do cinema... - Claro que lembro, Marília. Eu também nunca esqueci você... - Pois eu queria, Sérgio... Eu queria muito... Que você me beijasse de novo. Você sabe, os médicos não me deram muito tempo... E eu queria levar comigo esta recordação...

Ele levantou-se, aproximou-se dela, beijou os lábios fanados. E aí, como por milagre, o tempo voltou atrás e de repente eles eram os juvenzinhos de décadas antes, beijando-se à porta da casa dela. Mas a emoção era demais para ele: pediu desculpas, tinha de ir. A filha, parada à porta do quarto, agradeceu-lhe: você fez um grande bem à minha mãe. E acrescentou, esperançosa: - Acho que ela agora vai melhorar. Não melhorou. Na semana seguinte, Sérgio viu no jornal o convite para o enterro. Mas, ao contrário do que poderia esperar, apenas sorriu. Tinha descoberto que o primeiro beijo dura para sempre. Ou pelo menos assim queria acreditar.

(Moacyr Scliar, Folha de São Paulo, 25 de maio de 2007)

Na crônica “De volta ao primeiro beijo”, o autor deixa explícita a sua arte literária. Com tons descritivos e modestos, como uma poesia, ele exalta o amor, a simplicidade e a veracidade de uma vida de memórias.

Scliar começa sua crônica com uma notícia publicada na *folhateen*, divulgando um filme que tem como principal argumento o primeiro beijo. A notícia vem com uma fala do cineasta da tal produção. Assim, Moacyr Scliar se baseia nesse contexto e produz uma crônica literária. Deixa claro o processo criativo: produzir a partir de fatos reais (notícias), mas recriá-los. Afinal, a literatura vai buscar, na realidade, o seu ponto de partida, para então reinventá-la. Este é o grande mistério da arte poética...

Os traços poéticos empregados são evidenciados logo nas primeiras linhas, com tons descritivos de seus personagens e ambientes por onde se passa a história. Ao longo do texto o leitor consegue viver dentro do ambiente retratado, assumindo

uma postura de que aquele conto é baseado em fatos, e não uma crônica imaginária.

O primeiro beijo é um assunto muito discutido, e como exemplifica o *lead* da notícia, a experiência é marcante e inesquecível para alguns. Foi isso que Scliar buscou retratar em sua crônica, essa descoberta eternizada do primeiro beijo. Como a notícia é uma chamada para um filme nacional, dizendo que a garota protagonista, tinha 12 anos de idade quando foi forçada a dar o seu primeiro beijo, Scliar retratou esse momento de maneira literária, colocou sua poesia nas linhas versadas, proseando sobre a eternidade de um beijo apaixonado. Um típico texto literário. Transforma em tema sublime, o tabu.

### **Desistindo de Natal**

*Segundo pesquisa do instituto Ipsos, encomendada pela Associação Comercial de São Paulo, 32% dos consumidores não pretendem fazer compras neste Natal.*

"Prezado Papai Noel: há uma semana eu lhe mandei uma carta com a lista dos meus pedidos para o Natal. Agora estou mandando esta outra carta para dizer que mudei de ideia. Não vou querer nada. Ontem o papai nos avisou que não tem dinheiro para as compras do fim de ano. Papai está desempregado há mais de um ano. A gente mora numa cidade pequena do interior, muito pobre. No Natal passado, o prefeito anunciou que tinha um presente para a população: uma grande fábrica viria se instalar aqui, dando emprego para muitas pessoas. Meu pai ficou animado. Ele é um homem trabalhador, sabe fazer muitas coisas e achou que com isso o nosso problema estaria resolvido. Agora, porém, o prefeito teve de dizer que a fábrica não vem mais. Não entendo dessas coisas, mas parece que a situação está difícil.

Portanto, Papai Noel, peço-lhe desculpas se o senhor já encomendou as coisas, mas infelizmente vou ter de desistir. Para começar, não quero aquela bonita árvore de Natal de que lhe falei - até mandei um desenho, lembra? Nada de pinheirinho, nada de luzinhas, nada de bolinhas coloridas. A verdade, Papai Noel, é que essas coisas só gastam espaço e, como disse a mamãe, gastam muita luz.

E nada de ceia de Natal, Papai Noel. Nada de peru. Como eu lhe disse, nunca comi peru na minha vida, mas acho que não vai me fazer falta. Se tivesse peru, eu comeria tanto que

decerto passaria mal. Portanto, nada de peru. Aliás, se a gente tiver comida na mesa, já será uma grande coisa.

Nada de presentes, Papai Noel. Não quero mais aquela bicicleta com a qual sonho há tanto tempo. Bicycletas custam caro. E além disso é uma coisa perigosa. O cara pode cair, pode ser atropelado por um carro... Nada de bicicleta.

Nada de DVD, Papai Noel. Afinal, a gente já tem uma TV (verdade que de momento ela está estragada e não temos dinheiro para mandar consertar), mas DVD não é coisa tão urgente assim.

Também quero desistir da roupa nova que lhe pedi e dos sapatos. A minha roupa velha ainda está muito boa, e a mamãe vai fazer os remendos nos rasgões. E sapato sempre pode dar problema: às vezes ficam apertados, às vezes caem do pé... Prefiro continuar com meus tênis e o meu chinelo de dedo.

Ou seja: nada de Natal, Papai Noel. Para mim, nada de Natal. Agora, se o senhor for mesmo bonzinho e quiser nos dar algum presente, arranje um emprego para o meu pai. Ele ficará muito grato e nós também. Desejo ao senhor um Feliz Natal e um próspero Ano Novo."

(Moacyr Scliar, Folha de São Paulo, 19 de dezembro de 2005).

Nessa crônica o traço poético e literário vem empregado com uma dose de sarcasmo e rebeldia. A notícia foi publicada na página *Folha Dinheiro*, dizendo, por base, a situação crítica que o país vivia em época tradicionalmente de compras.

Assim, Moacyr Scliar começa a sua crônica. Como uma carta de uma inocente criança, que por entre as linhas de um texto, descreve a situação crítica de sua família, escrevendo ao imaginário Papai Noel.

Na notícia original, 32% da população não irão às compras no natal de 2005. Por diversos motivos, que não são exemplificados na matéria. Então, o autor da crônica se alimenta de especulações, citando vários pontos críticos de uma família mal estruturada.

Ele faz uma crítica severa ao governo, e a situação do país, com promessas e falácias, em vão, de governantes, e da falta de emprego no país em que vive. Moacyr Scliar se baseia em fatos para escrever a crônica.

É um texto típico literário, pois retrata desafios, e acontecimentos do cotidiano de uma família. Ele exemplifica momentos, características de personagens e critica o governo, assim como a situação em que o país passava naquele momento.

De maneira literária, poética, com um texto inocente, descritivo e que prende o leitor nas linhas escritas. Consegue ser literário e crítico ao mesmo tempo.

### **A mulher sem medo**

*Cientistas americanos estudam o caso de uma mulher portadora de uma rara condição, em resultado da qual ela não tem medo de nada.*

Ele não sabia o que o esperava quando, levado mais pela curiosidade do que pela paixão, começou a namorar a mulher sem medo. Na verdade havia aí também um elemento interesseiro; tinha um projeto secreto, que era o de escrever um livro chamado “A Vida com a Mulher sem Medo”, uma obra que, imaginava, poderia fazer enorme sucesso, trazendo-lhe fama e fortuna. Mas ele não tinha a menor ideia do que viria a acontecer.

Dominador, o homem queria ser o rei da casa. Suas ordens deveriam ser rigorosamente obedecidas pela mulher. Mas como impor sua vontade? Como muitos ele recorria a ameaças: quero o café servido às nove horas da manhã, senão... E aí vinham as advertências: senão eu grito com você, senão eu bato em você, senão eu deixo você sem comida.

Acontece que a mulher simplesmente não tomava conhecimento disso; ao contrário, ria às gargalhadas. Não temia gritos, não temia tapas, não temia qualquer tipo de castigo. E até dizia, gentil: “Bem que eu queria ficar assustada com suas ameaças, como prova de consideração e de afeto, mas você vê, não consigo.”

Aquilo, além de humilhá-lo profundamente, deixava-o completamente perturbado. Meter medo na mulher transformou-se para ele em questão de honra. Tinha de vê-la pálida, trêmula, gritando por socorro.

Como fazê-lo? Pensou muito a respeito e chegou a uma conclusão: para amedrontá-la só barata ou rato. Resolveu optar pela barata, por uma questão de facilidade: perto de onde moravam havia um velho depósito abandonado, cheio de baratas. Foi até lá e conseguiu quatro exemplares, que guardou num vidro de boca larga.

Voltou para casa e ficou esperando que a mulher chegasse, quando então soltaria as baratas. Já antegozava a cena: ela sem dúvida subiria numa cadeira, gritando histericamente. E ele enfim se sentiria o vencedor.

Foi neste momento que o rato apareceu. Coisa surpreendente, porque ali não havia ratos, sobretudo um roedor como aquele, enorme, ameaçador, o Rei dos Ratos. Quando a mulher finalmente retornou encontrou-o de pé sobre uma cadeira, agarrado ao vidro com as baratas, gritando histericamente.

Fazendo jus à fama ela não demonstrou o menor temor; ao contrário, ria às gargalhadas. Foi buscar uma vassoura, caçou o rato pela sala, conseguiu encurralá-lo e liquidou-o sem maiores problemas. Feito que ajudou o homem, ainda trêmulo, a descer da cadeira. E aí viu que ele segurava o vidro com as quatro baratas. O que deixou-a assombrada: o que pretendia ele fazer com os pobres insetos? Ou aquilo era um novo tipo de perversão?

Àquela altura ele já nem sabia o que dizer. Confessar que se tratava do derradeiro truque para assustá-la seria um vexame, mesmo porque, como ele agora o constatava, ela não tinha medo de baratas, assim como não tivera medo do rato. O jeito era aceitar a situação. E admitir que viver com uma mulher sem medo era uma coisa no mínimo amedrontadora. (Moacyr Scliar, Folha de São Paulo, 17/01/2011).

‘A mulher sem medo’ foi a última crônica escrita por Moacyr Scliar. Como em todas as outras, o tom literário, as frases e palavras poéticas se distinguem ao cotidiano e à notícia original.

A crônica se baseia no caso descoberto por cientistas americanos, que dizem ter encontrado numa mulher uma condição em que ela não tinha medo de nada. E assim se baseou Scliar para, poeticamente, escrever seu texto.

Como em qualquer texto literário, o tom descritivo de personagens e ambientes, está empregado. O texto é cômico, porém, insultante, Moacyr Scliar consegue fazer o leitor entrar no personagem e viver a sua emoção e expectativa até o fim.

Consegue mostrar o lead da notícia, logo no primeiro parágrafo, e retratar a história. Com frases e citações literárias, num ambiente cômico, criando personagens e situações inusitadas ao leitor.

---

## 3. A definição de crônica

---

Acontece com os livros o mesmo que com os homens: um pequeno grupo desempenha um grande papel.

Voltaire - Filósofo e romancista francês

Segundo Massaud Moisés, em *A Crônica*, a palavra crônica tem origem no latim *chronica*, que, por sua vez, deriva do grego *chronikós*, relativo a tempo (*chrónos*).

Uma crônica pode ser um artigo jornalístico (uma rubrica) ou ainda um programa radiofônico ou televisivo sobre assuntos e temas atuais.

Enquanto obra literária, a crônica narra os fatos de acordo com a ordem temporal em que eles acontecem, geralmente com base em testemunhos presenciais ou contemporâneos, contados como narrador na primeira pessoa (homodiegético) ou na terceira pessoa (heterodiegético).

As crônicas costumam empregar uma linguagem simples, direta e pessoal, com recurso reiterativo de adjetivos para salientar e evidenciar as descrições.

O texto de um cronista é especialmente literário. Uma narrativa em forma de poemas e frases romancistas, com caráter descritivo e buscando a perenidade da obra explícita.

Quando não se identifica ao conto ou à reportagem, quando não se torna artigo doutrinário ou simples nota, a crônica apresenta características específicas. A primeira delas diz respeito à brevidade: no geral, a crônica é um texto curto, de meia coluna de jornal ou de página de revista. Somente por exceção, o texto se distende por várias laudas. Imposta pela circunstância de a crônica publicar-se em jornal ou revista, a brevidade reflete, e a um só tempo determina as outras marcas da crônica. (MOISÉS, 1967: p. 116)

Enquanto poesia, a crônica explora a temática do 'eu', fazendo com que o 'eu' seja o assunto e o narrador ao mesmo tempo, precisamente como todo ato poético. Trata-se de um "eu" que se assume como observador do cotidiano das pessoas e dali retira a matéria-prima para sua obra. A crônica voltada para o conto se transforma no acontecimento que provocou a atenção do escritor, ou seja, tem como ênfase o 'não-eu'.

Porém, não se pode identificar toda crônica como um conto, ou seja, não é sempre que uma narrativa curta é sinônimo de conto.



Ocorre, porém, que até as reportagens – quando escritas por um jornalista de fôlego – exploram a função poética da linguagem, bem como o silêncio em que se escondem as verdadeiras significações daquilo que foi verbalizado. Na crônica, embora não haja a densidade do conto, existe a liberdade cronista. Ele pode transmitir a aparência de superficialidade para desenvolver o seu tema, o que também acontece como se fosse “por acaso”. No entanto o escritor sabe que esse “acaso” não funciona na construção de um texto literário, pois o artista que deseja cumprir sua função primordial de antena do seu povo, captando tudo aquilo que nós outros não estamos aparelhados para apreender. (SÁ, 2008: p. 10).

### 3.1 MEU IDEAL SERIA ESCREVER...

Rubem Braga é um autor essencialmente cronista, seus textos mostram elementos com características que esboçam as teorias de uma crônica.

O autor remete a uma construção literária contemporânea, com frases abreviadas e poéticas, levando o leitor a um universo literário, de ficção, com personagens, espaços e tempos retratados.

Com esse poder de nos projetar para além do que está impresso, Rubem Braga reafirma sua condição de artista recriando a vida em seus mínimos detalhes, especialmente aqueles que podem estar camuflados em outros gêneros. Afinal, ele é o espião que nos passa o segredo da existência numa mensagem codificada, que é, sem dúvida alguma, literatura. (SÁ, 2008: p. 20).

Nesse capítulo vamos analisar uma das obras primas de Rubem Braga, e identificar no texto imprescindíveis itens que prendem o leitor à ficção da crônica. Vamos destacar os personagens, o enredo, o espaço e o tempo em que o texto é escrito. A crônica foi extraída do livro "*A traição das elegantes*", Editora Sabiá - Rio de Janeiro, 1967, pág. 91. Cumpre salientar que a crônica de Rubem Braga faz parte da coletânea *As cem melhores crônicas brasileiras*, 2007, p.22.

### **Meu Ideal Seria Escrever...**

Meu ideal seria escrever uma história tão engraçada que aquela moça que está doente naquela casa cinzenta quando lesse minha história no jornal risse, risse tanto que chegasse a chorar e dissesse -- "ai meu Deus, que história mais engraçada!". E então a contasse para a cozinheira e telefonasse para duas ou três amigas para contar a história; e todos a quem ela contasse rissem muito e ficassem alegremente espantados de vê-la tão alegre. Ah, que minha história fosse como um raio de sol, irresistivelmente louro, quente, vivo, em sua vida de moça reclusa, enlutada, doente. Que ela mesma ficasse admirada ouvindo o próprio riso, e depois repetisse para si própria -- "mas essa história é mesmo muito engraçada!".

Que um casal que estivesse em casa mal-humorado, o marido bastante aborrecido com a mulher, a mulher bastante irritada com o marido, que esse casal também fosse atingido pela minha história. O marido a leria e começaria a rir, o que aumentaria a irritação da mulher. Mas depois que esta, apesar de sua má vontade, tomasse conhecimento da história, ela também risse muito, e ficassem os dois rindo sem poder olhar um para o outro sem rir mais; e que um, ouvindo aquele riso do outro, se lembrasse do alegre tempo de namoro, e reencontrassem os dois a alegria perdida de estarem juntos.

Que nas cadeias, nos hospitais, em todas as salas de espera a minha história chegasse -- e tão fascinante de graça, tão irresistível, tão colorida e tão pura que todos limpassem seu coração com lágrimas de alegria; que o comissário do distrito, depois de ler minha história, mandasse soltar aqueles bêbados e também aquelas pobres mulheres colhidas na calçada e lhes dissesse --, "por favor, se comportem, que diabo! Eu não gosto de prender ninguém!". E que assim todos tratassem melhor seus empregados, seus dependentes e seus semelhantes em alegre e espontânea homenagem à minha história.

E que ela aos poucos se espalhasse pelo mundo e fosse contada de mil maneiras, e fosse atribuída a um persa, na Nigéria, a um australiano, em Dublin, a um japonês, em Chicago -- mas que em todas as línguas ela guardasse a sua frescura, a sua pureza, o seu encanto surpreendente; e que no fundo de uma aldeia da China, um chinês muito pobre, muito sábio e muito velho dissesse: "Nunca ouvi uma história assim tão engraçada e tão boa em toda a minha vida; valeu a pena ter vivido até hoje para ouvi-la; essa história não pode ter sido inventada por nenhum homem, foi com certeza algum anjo tagarela que a contou aos ouvidos de um santo que dormia, e que ele pensou que já estivesse morto; sim, deve ser uma história do céu que se filtrou por acaso até nosso conhecimento; é divina".

E quando todos me perguntassem -- "mas de onde é que você tirou essa história?" -- eu responderia que ela não é minha, que eu a ouvi por acaso na rua, de um desconhecido que a contava a outro desconhecido, e que por sinal começara a contar assim: "Ontem ouvi um sujeito contar uma história...".

E eu esconderia completamente a humilde verdade: que eu inventei toda a minha história em um só segundo, quando pensei na tristeza daquela moça que está doente, que sempre está doente e sempre está de luto e sozinha naquela pequena casa cinzenta de meu bairro.

A crônica é narrada em primeira pessoa – narrador homodiegético -, ou seja, é empregado em todo o texto o 'eu' poético. Logo no primeiro parágrafo é explicitado o enredo: a crônica (como um projeto de escrita) passa a ideia do narrador em escrever uma história engraçada, tão engraçada, que contemplasse e mudasse a atitude de várias pessoas, assim, ele cria diversos personagens e espaços, justamente para retratar o poder que seu texto teria sobre o interior dos indivíduos. Nesse sentido, tem-se um texto que se pretende uma crônica e que dialoga, intrinsecamente, com a própria questão do fazer literário: a humanização pela literatura. Eis presente aqui a metalinguagem: o texto poético tematiza o próprio fazer literário.

O tempo da narrativa é psicológico, o autor alimenta a ideia de que as pessoas ouviriam sua história e mudariam o humor. Começando com uma moça doente, numa casa cinzenta, que, lendo a história no jornal, repassasse para seus conhecidos, e assim, a proporção seria admirável. Essa é a apresentação da crônica.

Chegamos então à complicação do texto: o objetivo de mudança que teria um texto escrito em um jornal, e passado de pessoa em pessoa, como uma maneira de integração. Assim, ele cria personagens como um casal mal-humorado, que ao ler a sua história mudaria o humor rapidamente.

E então, a crônica se desenvolve, de espaço em espaço e em vários personagens: *"Que nas cadeias, nos hospitais, em todas as salas de espera a minha*

*história chegasse -- e tão fascinante de graça, tão irresistível, tão colorida e tão pura que todos limpassem seu coração com lágrimas de alegria.”.*

Esse é o clímax da crônica de Rubem Braga: o poder de uma história sobre as pessoas, contada pelo mundo inteiro, desde um australiano em Dublin a um sábio pobre e velho Chinês. A história é narrada de maneiras diferentes pelo mundo, não perdendo o seu sentido, fazendo com que quem a ouvisse e lesse a considerasse tão boa que chegava a comparar: *“essa história não pode ter sido inventada por nenhum homem, foi com certeza algum anjo tagarela que a contou aos ouvidos de um santo que dormia, e que ele pensou que já estivesse morto; sim, deve ser uma história do céu que se filtrou por acaso até nosso conhecimento; é divina”.*

E então, tão literário quanto sabe ser, e tão brilhante quanto a sua história, Rubem Braga finaliza a crônica de maneira inusitada, romântica e tão poética que faz o leitor agradecer-lhe por ter lido tal texto.

O narrador volta ao primeiro parágrafo, lembrando a mulher doente, na casa cinzenta, e diz que inventou tal história pensando na tristeza da donzela *“que sempre está doente e sempre está de luto e sozinha naquela pequena casa cinzenta de meu bairro”.* Com muita perspicácia, o autor não chega a narrar um fato, mas aquilo que poderia ter sido e não foi. Por meio dessa atmosfera, estabelece-se um diálogo com o leitor, que cria certa empatia com a temática e o desenrolar da crônica. Temos aqui a literatura com grande função humanizadora.

## CONCLUSÃO

Podemos concluir então que o jornalismo literário ainda é perspicaz, utilizado por alguns profissionais da comunicação, e por vezes admirado pelos leitores, que se acostumaram à outra maneira de difusão da notícia.

Porém, há jornalistas que ainda exploram esse universo literário, em meio a poemas, crônicas e matérias humanizadoras. Esses profissionais conseguem levar o leitor a uma viagem de expectativas, romantismo e reflexões sobre a própria vida e a existência.

O jornalista literário não se prende ao *lead* da notícia e desenvolve as respostas e características dos personagens e fatos calmamente, com um tom literário, isso é o que mais o caracteriza como um romancista moderno, um amante do jornalismo literário.

Além disso, são considerados imprescindíveis alguns itens para que o jornalista se destaque em meio à literatura, difundindo o jornalismo literário. Como um dos principais temas, é a perenidade da obra. Ou seja, um típico texto literário fica na memória das pessoas por gerações. E é isso o que a crônica nos oferece. Tem como sua principal característica a literatura, o jeito único de se desenvolver. Com temas relevantes e por vezes surreais, o autor desenvolve o seu texto de maneira diferenciada, como um autor literário. Descreve personagens, ambientes e emoções, fazendo com que o leitor vivencie a leitura.

Essas eram as principais características dos textos de Machado de Assis e José de Alencar, que perduram por gerações, influenciando outros autores a seguirem por esse gênero. E assim, fez-se a crônica moderna, com Moacyr Scliar, que nos encantou com seus textos literários, sarcásticos e humanitários. Não nos esqueçamos, porém, de Rubem Braga, um dos principais autores literários do país, referência nesse gênero.

A literatura é mais do que uma vivência no mundo de especulações, matérias sem conteúdos e generalidade da informação. A literatura é um ato humanitário, que acrescenta nos indivíduos, amantes dessa arte (ou não), uma existência em um

universo longínquo, vivenciando a melhor maneira de expressão, para a sociedade e para o profissional da comunicação: a literatura, a poesia, a crônica, o texto poético, o jornalismo feito com uma boa dose de romantismo.

## REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado. **Crônicas Escolhidas**. Folha de São Paulo, 1994.

MARSHALL, Leandro. **O jornalismo na era da Publicidade**. São Paulo: Editora Summus, 2003.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária**. São Paulo: Editora Cultrix, 1967.

NECCHI, Vitor. A (im)pertinência da denominação “jornalismo literário”. In: **Estudos em Jornalismo e Mídia** - Ano VI - n. 1 pp. 99 – 109, Porto Alegre, jan./jun. 2009.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário** Editora: Contexto, 2006

\_\_\_\_\_. **O jornalismo literário como gênero e conceito**. Disponível em <<http://www.felipepena.com/download/jorlit.pdf>> Rio de Janeiro. Acesso em 16/02/2012.

ROSSI, Clóvis, **O que é jornalismo?** São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

SÁ, Jorge de. **A Crônica**. São Paulo: Editora Ática, 2008.

SANTOS, Joaquim Ferreira dos. **As cem melhores crônicas brasileiras**. São Paulo: Editora Objetiva, 2007.

UOL Educação. **Escritor brasileiro José de Alencar**. Disponível em<<http://educacao.uol.com.br/biografias/jose-de-alencar.jhtm>> Rio de Janeiro. Acesso em 1/08/2012

VILAS BOAS, Sérgio. **Biografias e Biógrafos: jornalismo sobre personagens** São Paulo: Editora Summus Editorial, 2002.

## ANEXO

OPINIAO

Assis, quinta-feira, 28 de julho de 2011

## O catador de latinhas, Manuel, Pasárgada e o Brasil

Um simples catador de latinhas, o melhor cliente do ferro velho do seu João. Ele era emocionalmente controlado e compensava a sua timidez com os gritos e assovios para chamar atenção.

Esboçava, diante de seus pés descalços e suas mãos cansadas, um sorriso tão vasto quanto o caminho que percorreu até chegar ali. Conseguia alguns quilos de alumínio perdidos nas ruas da cidade, era a sua fonte de renda para sustentar a família: ele e Manuel (um cãozinho de raça indefinida). Mas assim não podia melhorar, o mundo era único, as contas não existiam, os problemas? Que problemas? E um novo rumo a seguir.

Antes mesmo de o sol acordar, ele já estava em pé, Manuel se espreguiçava e lá se iam os dois, saindo de sua humilde e aconchegante obra inacabada de um sujeito qualquer, passando em frente às mansões e lutando pela vida.

Num suspiro momentâneo as lembranças de sua história com os incontáveis obstáculos, a esperança de seguir em frente, buscando um dia, quem sabe, um café da manhã. Ou até alguns beijos e abraços, palavras de conforto e carinho, com tantas bajulações e admiráveis palavras irreconhecíveis.

Ele tinha 30, talvez 40 anos, pelo menos metade destes feitos com indignações e busca pelo conhecimento, sem nenhum propósito. Lembrou de sua infância na cidade grande, não encontrou seu pai, viu sua mãe virar estrela e foi apresentado a rua. Mesmo não querendo passou longos e tolerantes anos debaixo de um viaduto. Conheceu quem não devia, foi oferecido ao inconsequente, mas escolheu a vida e admirou lindos e tristes contos de amor.

O tempo passou e na cidade grande o medo era a sua sombra, procurava em seus sonhos buscar o infinito, assim aprendeu a ler e a conhecer onde pisava. Nada era o planejado, até um dia tomar a decisão de seguir outros caminhos.

Descobriu, num poema de Manuel Bandeira, onde estava a felicidade, decidiu ir procurar a tal "Pasárgada", ser amigo do rei, receber mimos de infância e descobrir outra civilização. Na rodoviária esse destino ele não encontrou. Logo descobriu que esse paraíso estava apenas nos seus desejos, inventados por

Bandeira.

Quando voltou à sua casa, o viaduto movimentado e pintado de terra, não viu seus vizinhos, dormiu sem perceber e ao acordar ouviu no radinho de pilha que o "sopão" oferecido pelas entidades assistenciais deu lugar a barbárie e ao vandalismo de alguns moicanos burgueses.

Assustado foi embora e num bairro de classe média descobriu um lugar para se esconder, conheceu o seu fiel companheiro, que apenas o olhava e deu a ele o nome de Manuel, homenagem póstuma ao inventor da felicidade. Nas ruas gritava para as casas ouvirem, "Olha o catador de latinhas", e assim com o seu cachorro era conhecido em seu bairro nobre.

Depois de pensar na sua infância e se cansar com os passos que percorreu até chegar ali, ele se virou para o presente. No momento de descanso, depois de juntar suas moedas fez valer o esforço. Comprou dois pães com manteiga, para Manuel também, abriu o jornal que estava no balcão da padaria e com a sua limitação particular leu página por página.

Quando menos esperava e na última migalha do pedaço de pão, encontrou o que sempre quis. Uma mansão, com mordomos, camareiras, mimos e até banheiros. Continuou lendo ansioso, tentando saber como chegar ao caminho sonhado. Descobriu que tal político era o senhor de todas aquelas regalias, na matéria explicava como o governante chegou lá: Alguns desvios de verbas públicas, os impostos abusivos, algumas fazendas, contas num país distante... Era Pasárgada, do Brasil.

Fechou o jornal, se sentiu no mínimo injustiçado em saber que ele, com suas latinhas, foi um dos compradores daquela morada, que daria para acomodar com sobras ele, Manuel e seus vizinhos de viaduto.

Seu nome? Não sei. Foi embora antes mesmo de me contar.

Segurando suas sacolas, com seu amigo Manuel do lado, foi ao encontro da sua realidade. Ainda sonhando com um chuveiro, um café da manhã e quem sabe encontrar a porta para Pasárgada. Lá seria amigo do rei...

Kallil Dib  
www.kallil.com



## Um frasco rosa e você

Todo mundo tem um dia triste, e quando estou assim eu recomendo ao meu coração uma dose de você. Uma dose não, o dia todo, minuto por minuto. E deixo... E vai longe... Até ele se perder e não conseguir mais voltar. Aí fica com você mesmo.

E fica com você por que ele sabe que vai ser acariciado, você é mulher, é anjo, e como diz Fernando, o Veríssimo, "mulher não é humana". E você,

ainda menos.

Assim, quando estou meio diferente, é que esqueço que tenho um coração. Dou para você cuidar, como se fosse teu. Abro as portas e você rouba, como se fosse fácil. Agradeço e você sorri, como se fosse o único propósito da sua vida. E da minha também.

Santo Deus que se esqueceu dos homens, e jogou toda a fórmula da perfeição no frasco rosa. Fez-se a felicidade, a sobrie-

dade, a tentação em um único ser. E que 'Ser... Senhor!

Ah, se não fosse por você, os problemas seriam irresolvíveis, o mundo seria preto e branco, a vida seria uma aventura policial, sem um final feliz, alias.

E às vezes, aquelas vezes em que eu questiono esse seu jeito de perfeita, não liga não, é inveja de homem desprezado, como todos os outros maridos. Eu queria experimentar esse poder de fazer da vida

um motivo, como você sabe: naturalmente, desde que nasceu.

Ah, aquele frasco rosa no centro da mesa abençoada de Deus. Tomara que ele tenha misturado uma boa dose de eternidade. Talvez por engano, desculpado, ou então, como estamos falando de Deus, e de você... Por sabedoria.

\*Kallit Dib  
[www.kallit.com](http://www.kallit.com)

## Opinião

# O meu amigo Millôr

São quase nove horas da noite, o jogo ta pra começar, a pipoca já pula sozinha dentro do armário e a cervejinha já está no ponto. Vou tomar meu banho, relaxar e depois de assistir ao futebol vou dormir, pois estou precisando.

Nossa, que vontade de sair daqui. Não é fácil ficar desde as 8 horas em pé, caminhando apenas até a garrafa de chá. Na minha frente um computador gastado com o Word aberto, MSN e alguns sites de comunicação ligados. Ao meu lado uns três telefones e mais umas cinco agendas.

Meus dedos já estão calejados há tempos, as teclas do teclado já perderam suas cores e só ouço o som do trânsito lá fora, dentro dessa sala, a mais inóspita que já vi.

Todos já se foram, mas eu não. Estou elaborando as pautas para amanhã, além de analisar, estudar e escrever sobre diversos assuntos para o jornal da cidade. Para isso devo ler e tentar ter uma escrita razoável e sem erros ortográficos ou gramaticais.

Mas as vezes me pergunto se alguém realmente se importa com palavras corretas e colocações equivocadas, já que quando estou no telefone, assistindo a televisão ou conversando no MSN, vejo e ouço os erros imperdoáveis, ditos até por jornalistas formados e inseridos no mundo das palavras.

Tenho um amigo, chamado Millôr Fernandes, ele é conhecido, respeitado e ousado em suas frases. "Só" é cartunista, humorista, escritor, tradutor, desenhista e jornalista.

Certa vez em uma de suas inúmeras citações ele disse: "Só depois que a tecnologia inventou o telefone, o telégrafo, a televisão, todos os meios de comunicação à longa distância, foi que se descobriu que o problema de comunicação mais sério era o de perto". No começo hesitei, não entendi tal colocação, mas refletindo calmamente resolvi discorrer sobre o assunto.

Essa tal de tecnologia foi a responsável por afastar as pessoas dos melhores meios de comunicação existentes, o boca-boca (olho no olho) e a leitura de um jornal impresso. Agora até casamento virtual já existe, algo inimaginável há algum tempo, levando em conta que um matrimônio precisa de qualquer coisa a mais do que uma Webcam e salas de bate-papo, eu acho.

Não sou tão hipócrita em dizer que a internet, por exemplo, não agrega em nada no profissionalismo de uma empresa, ou que o telefone não é uma "mão na roda", mas eles não podem ser os "atores principais" de uma rotina, eles devem ser os coadjuvantes.

Em sua frase Millôr fala em todos os meios

de comunicação a distância e destaca o telefone, o telegrafo e a televisão, certamente alguns dos principais responsáveis por essa expansão tecnológica. Ficou impossível calcular quantas crianças deixam de assistir Hannah Montana (nada contra) para brincar de boneca ou jogar peão, por exemplo. Ou até descrever quem prefere procurar um emprego por telefone/celular do que ir levar seu currículo, por medo, vergonha, ou simplesmente acham mais fácil.

Acredito que o "problema de comunicação mais sério", referido por Millôr, seja a maneira radical de se mudar o mundo das palavras. O que falta é se comunicar de forma direta, ler coisas construtivas, pegar um jornal impresso pela manhã, olhar no olho de um entrevistado e ao menos se preocupar com os erros de português em um texto.

Agora vou fechar o meu MSN e ir embora fazer todo o planejado, mas não sem antes agradecer a meu amigo, cartunista, humorista, escritor, tradutor, desenhista e jornalista, Millôr Fernandes, por proporcionar tal reflexão. Talvez um dia eu o conheça, por enquanto me contento com a internet.

\* **Kallil Dib**  
([www.kallil.com](http://www.kallil.com)) é colaborador voluntário de O Diário do Vale.

## Uma vida para Reis

Rua vazia, chuva caindo sem parar e um vento gelado, faziam da noite de domingo o horário propício para uma sopa quente de feijão e uma cama aconchegante. Mas para Reis o dia não era nem de domingo. O vento frio que cortava a pele e a chuva que não cessava eram costumes do seu corpo. Indivíduo forte e simpático, morador de rua, passava a noite em qualquer banco de praça, a não ser em tempos de chuva que se deitava no canto da prefeitura.

Reis conheceu os becos nem sabia como. Era negro, tinha barba grande, cabelos cumpridos e grisalhos, usava um conjunto de moletom de cor bege e um ex chinelo branco. Carregava nas costas um saco de lixo com seus pertences, talvez uma troca de roupa e alguns pães, e tinha um sorriso tão vasto quanto o seu sofrimento.

Nasceu na rua. Ainda criança foi condenado como infrator ao roubar dois cachos de uva de uma quitanda para matar a fome, por isso ficou retido em uma casa para menores até completar a maioridade. Quando, por preconceito, não conseguiu emprego voltou a seu lugar de origem. Não tinha amigos nem família e vivia à custa da sociedade. Com uma esmola aqui, outra ali, conseguia se sustentar e foi se acostumando à vida.

A vida? Enquanto ligou para ela Reis não sorriu. Já se sentiu tão humilhado e injustiçado que pensou em ir embora desse mundo por conta própria. Porém, conversando com seus pensamentos, decidiu viver, do seu jeito, até alguém resolver o levar.

Em frente a prefeitura, onde ganhava a maior quantidade de mendiga, ele viu muitas injustiças e fez parte delas por tantas vezes. Era de lá que saíam carros de luxo, pessoas de terno, damas com vestimentas requintadas. E era lá que Reis enxergava a luz no fim do túnel: uma casa, um banho e talvez um almoço.

Leigo no mundo da política o mendigo apenas pensava em dizer coisas sem sentido, a pergunta era: por que tantos têm tudo, enquanto outros nada? E não encontrava as respostas nem nos seus pensamentos idealistas.

Ele ainda mantinha a esperança de que algum homem de terno viria oferecer um chuveiro e alguma dignidade aos olhos da sociedade. Mas tudo não passava de esperança, isso era certo quando os políticos o olhavam com desprezo.

Numa manhã de sábado se ouviu camburões, alarmes e gritaria. Reis acabava de levantar do canto seco onde passou a noite, próximo à escadaria da prefeitura municipal. Viu apenas algumas sirenes, um mundo de curiosos e vidros estilhaçados pelo chão. Ao se aproximar da cena, como mais um enxerido, foi bruscamente acusado com os dizeres: "foi ele, foi ele".

Sem qualquer reação, o pedinte quieto e sujo, não entendia nada. Viu um carro grande e preto com vidros quebrados e portas arregaçadas. Indagado pelas autoridades, Reis não viu motivo para mentir e disse onde passou a noite.

Algemas nas mãos, alguns tapas na cabeça, e suas afirmações sem efeito algum diante dos policiais. O carro preto era de um vereador, alinhado e um dos principais personagens da cidade desonesta. O seguro saldava sem qualquer burocracia os danos causados no carro, mas encontrar o criminoso que cometeu tal ato era muito difícil. Fácil era apontar, sem receio, como autor do crime um pedinte, sem família, amigos, casa e sequer um advogado.

Rotulado como vagabundo, Reis entrou no camburão da PM, lágrimas de tamanha injustiça caíam sobre seu rosto. Os populares, sem ter o que fazer, aplaudiam a ação rápida da polícia, enquanto o vereador os cumprimentava pelo "apoio" recebido e lembrando, é claro, as eleições municipais que vinham por aí.

Espremido no "chiqueirinho" da viatura, Reis estava quieto, pensativo e inconformado com tal absurdo.

Lembrou do seu passado na casa de menores infratores e pensou na injustiça cometida mais uma vez com a sua vida. Chegou a uma conclusão, sólida e real sobre o país em que vive:

"Já me conformei, eu vivo no Brasil. Um país repleto de repressões e desigualdades, onde os fracos (grande maioria) são os injustiçados e condenados a pegar pelo maior crime já cometido: terem nascido".

O vereador? Virou prefeito. E o Reis? Vai apodrecer na cadeia.

**Kallil Dib**  
www.kallil.com

# Diário.

## Lá se foram 13 anos sem você

Para ela.

Se ela disser que ainda me ama.

Ou se o mundo ainda existir.

Estou aqui, em frente a um velho computador, sentado nessa cadeira barulhenta, e com frio nas mãos. Resolvi escrever uma crônica, mas meu pensamento não sai de você, tantos 13 anos depois. Deve ser algum feitiço, ou então, bobeira de menino apaixonado. Mas é impossível esquecer tudo o que fiz, ou deixei.

Quem dera se aquele dia, no clube perto de casa, sentado no banco de mármore gelado, em frente a você, eu tivesse a malícia das crianças dos anos dois mil. Que rosto avermelhado eu tinha, que escuridão vazia no meu peito de menino. Garoto mimado, alheio a outras coisas, a não ser um futebol na rua e uma flor alaranjada, de bem me quer mal me quer.

O nosso amor era de criança. Amor verdadeiro, não como o de gente grande. Ah tempo, por que passou assim?

Tarde da noite na sexta-feira chuvosa, foi a última vez que peguei na sua mão. A tia já começara a reunião das crianças católicas, no barracão da capelinha do bairro. Fechem os olhos para rezar. Menos eu, que te admirava de canto, enquanto acariciava suas mãos de algodão.

No meio da noite, um bilhete no caderno de brochura azul chegava até sua mesa, ajudado por João. Nos garranchos improvisados, em três linhas, a declaração sincera. Eu te amo, namora comigo? Como se fosse fácil ter você, em plena rebeldia de oito anos de idade.

A resposta sua nunca vinha com um beijo, ou uma declaração. A resposta era do seu jeito, jeito único, lindo. Um sorrisinho meigo e um olhar para trás. Ah tempo, porque passou assim?

Na saída, uma lembrança, a última vez que olhei para você, com olhos de amor. Você foi por uma rua, e eu descí da esquerda. Chorando, olhando, querendo te encontrar no outro dia.

E quando o sol amanheceu, fui atrás da flor laranja, a do bem me quer mal me quer. Com lágrimas nos olhos, tirei a última pétala, com a resposta negativa. Por que me



esqueceu, se disse que me queria? Você não esqueceu, mas foi embora.

E dali, meus dias nunca mais foram os mesmos. As declarações sinceras nunca mais existiram, a flor laranja era esquecida, e meu pequeno coração, guardava sua lembrança. E dias se passaram até você voltar. Doce ilusão. Agora já são 3 da manhã e eu aqui pensando em você, como fazia em tempos de primário. Daqui a pouco vou dormir, fechar os olhos e te encontrar.

Nos meus sonhos você aparece. Cabelos curtos, sorriso sincero, que me ilumina. Um anjo sem asas, pra não sair de perto de mim. Te dou minhas mãos, olho para você, em que campo lindo de flores laranjas apenas com pétalas de amor, de bem me quer, nós estamos. Que beijo inocente que nunca aconteceu.

A maior tristeza dos meus dias, há 13 anos, é abrir os meus olhos e pensar, onde está você, além de aqui, dentro de mim? E passo meus tempos procurando o campo de flores.

Minhas mãos já estão calejadas, as marcas de falsos sorrisos destacam o meu rosto. É hora de te encontrar. E ter você durante toda madrugada.

Quem sabe eu te descubra, num dia qualquer, num banco de mármore quebrado, ou no salão de uma capelinha de bairro, ou então fora dos meus sonhos.

Desculpe meu grande amor, por ainda lembrar-me de você. Mas não tenho culpa, é essa minha vida nos últimos 13 anos. Escrever sobre amor, sobre você, e ouvir o seu eu te amo, com o meu coração.

Kalil Dib

## E de delírios ainda vivo

Fiz um poema pra você  
Falei de amor, pensei nos seus olhos.  
Seu cabelo macio, suas mãos afáveis  
Meu amor, eu fiz um poema pra você.

Me delicieei com os meus pensamentos  
Falei com Deus, por um momento  
Fiz um poema de amor, com a sua voz me  
acalmando  
Seus delírios, os avisos de seu coração  
Fiz um poema de amor

Desse amor, coração, que entendes tão bem  
Sabe quão bem é a minha emoção  
Que aviso a ti quando te vejo  
Quando sinto seus lábios e seu perfume doce

Amor, poemas eu fiz  
Fiz para você, falando de ti  
Que dia lindo este que nasce  
Parecido com teus olhos  
Parecido com tua timidez atrevida.  
E escrevi em poemas  
Minha lucidez, a minha alegria.

*\*Kallil Dib*  
[www.kallil.com](http://www.kallil.com)

# Um velho apaixonado

Há tempos que essa solidão despedaça o meu peito, e hesito em amar outro coração. Afinal, tudo se ignora em dias comuns, como um sorriso em meio a guerras, liberdade e paixão.

É o meu peito, que tão só, precisa de você.

Não precisa vir e dizer três palavras lindas, me fazendo acreditar. Nem ao menos sentir o que não sente, apenas para me ver sorrir. O que quero de você, tão pura e simplesmente, é o seu amar.

Há tempos que insisto em dizer para

o meu ego, que vou te encontrar. Numa esquina, num bar, no cabaré da meia noite, ou num navio rumando a Paris. E a solidão, tão incerta e maleável, me responde, no vento que toca a janela, na chuva que cai no domingo frio.

E eu te invento em meus sonhos, tentando esquecer os meus anseios. Sinto o perfume que deixou em mim, quando passo por minha vida. Sinto minhas lágrimas insistindo em tocar o chão, pois não consigo controlar essa saudade que me faz sentir.

Não nego, erre. Em te conhecer, em dizer

o meu amor, em insistir para você ficar, e ficou. Agora de mim não sai, nem de meus pensamentos inusitados.

E agora, eu com meu desejo de um homem triste, insisto em te dizer. Eu te amo, mesmo não te conhecendo, e te invento em meus momentos de um jovem rebelde.

Quer saber? A eternidade é coisa boba. Eu quero é ser feliz, meu amor.

**Kallil Dib**

[www.kallil.com](http://www.kallil.com)